

Saga contra o esquecimento de um crime histórico

Finalista do Prêmio Booker, Amitav Ghosh constrói um painel dos conflitos do século XIX a partir da venda de ópio na Ásia

Miguel Conde

Que lugar melhor para entender o século XIX do que um navio inglês vendendo ópio pelo Sudeste Asiático? Em "Mar de papoulas" (Alfaguara, tradução de Cássio de Arantes Leite), romance indicado ao Prêmio Booker de 2008 e agora publicado aqui, o escritor indiano Amitav Ghosh volta-se sobre os passageiros e tripulantes de uma pequena embarcação, o Ibis, para montar um painel ao avesso de um mundo em que a bandeira triunfante do progresso europeu se espalhava pelo globo a balas de canhão, e causas "civilizadas" como o livre comércio eram uma senha para impor à força a vontade dos colonizadores — no caso do livro, o tráfico inglês de ópio na China. Por e-mail, Ghosh conversou com O GLOBO sobre a obra e a relação dos conflitos da época com os de nosso tempo.

O GLOBO: Como notou um resenhista, "Mar de papoulas" é situado numa época em que a Grã-Bretanha era "o maior traficante de drogas do mundo". O comércio de ópio e as guerras britânicas contra a China são um exemplo representativo da barbárie que por séculos sustentou o crescimento da Europa "esclarecida". Esse passado, em sua opinião, foi suficientemente reconhecido pelo Ocidente? Que papel a ficção pode assumir na constituição de uma memória crítica do período?

AMITAV GHOSH: O Ocidente sempre teve um grande talento para esquecer seus crimes, ao mesmo tempo em que recorda os dos outros. Pagamos

um preço terrível por essa amnésia. Poucas pessoas lembram hoje que as Guerras do Ópio foram travadas em nome do livre comércio. Às vezes me pergunto se esses ideólogos que falam das virtudes do livre comércio ao menos têm noção dos horrores que esse tipo de ideia forjou. Os ocidentais, no entanto, não são os únicos que escolheram esquecer esse capítulo de sua história. Os indianos também se esqueceram completamente de seu envolvimento com o comércio de ópio. O sofrimento infligido à China por meio do ópio indiano é um dos grandes crimes da História humana, e sinto que os indianos precisam enfrentar esse passado.

• *Embora hoje os historiadores admitam que seu trabalho sempre envolve algum grau de interpretação, a pesquisa histórica ainda assim mantém um compromisso com os fatos, cujo sentido é não só epistemológico mas também ético. Pode-se pensar num compromisso semelhante no caso de um romance histórico? Há uma dimensão ética presente na escrita desses livros?*

Tanto historiadores quanto romancistas tentam narrar a verdade. Historiadores dependem de um aparato acadêmico que exige a citação de fontes e etc., mas isso nem sempre impede que suas interpretações sejam profundamente ideológicas. Num certo sentido, historiadores são mais ideológicos do que romancistas, porque espera-se que eles desenvolvam um argumento a respeito de seu assunto. Romancistas, por outro lado, tendem a enxergar pelos olhos dos personagens, o que significa que são obrigados a abordar uma situação de muitos pontos de vista. "Mar de papoulas", por exemplo, não é um livro "sobre" alguma coisa, não mais do que o passado (ou o presente) são "sobre" alguma coisa. Não há dúvida de que o colonialismo era a realidade política dominante na Índia do século XIX. E no entanto é importante lem-

brar que esse era apenas um aspecto da realidade: as pessoas também viviam, riam, amavam, como as pessoas fazem em qualquer lugar, não importa quais sejam as circunstâncias. Quando me volto sobre a Índia do século XIX, o que me impressiona é a persistência, a determinação de mudar e aprender. O passado não pode, e não deve, ser reduzido a uma dimensão única. Como os leitores verão, há tantas histórias se desenrolan-

do simultaneamente no Ibis (o navio de um comerciante de ópio no qual se passa o romance) que é impossível impor uma narrativa única à jornada.



• *Esse esforço para enxergar o mundo pelos olhos de pessoas diferentes faz com que alguns autores defendam a existência de um vínculo intrínseco entre ficção, tolerância e democracia. O que o senhor, como escritor e antropólogo, acha disso?*

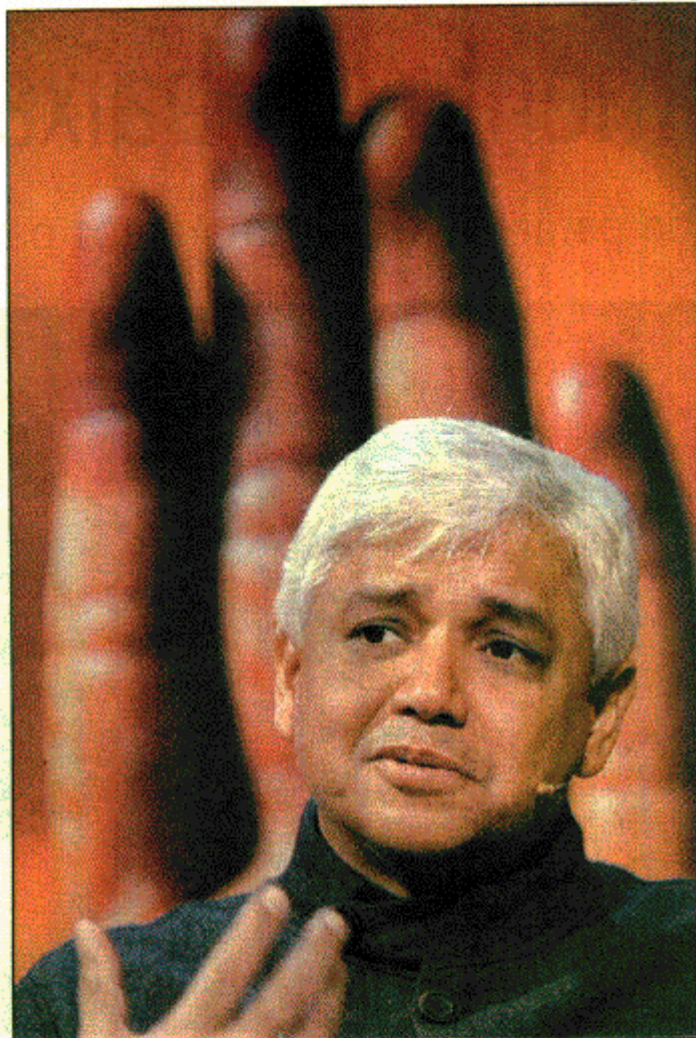
Nem a ficção nem a antropologia estão a salvo das falhas da sociedade; em minha opinião, nenhum dos dois campos tem direito a invocar uma ligação especial com a democracia. Muitos romancistas e poetas apoiaram causas intolerantes e autoritárias — imperialismo, racismo, comunismo, fascismo, nacionalismo exacerbado e daí por diante. O mesmo pode ser dito de historiadores e antropólogos: na verdade, a gênese de todas as ideologias listadas acima pode ser remetida a alguma disciplina acadêmica. Então, quando nos dizem que certos livros podem nos ajudar a “ver pelos olhos dos outros”, não devemos aceitar essa alegação simplesmente porque ela se apoia na autoridade da literatura, da antropologia ou do que seja. Cada obra deve ser julgada individualmente de acordo com seus méritos.

• *A situação a bordo do Ibis, com pessoas de culturas diferentes vivendo juntas, tem uma*

conexão com o mundo atual, onde o primeiro-ministro britânico David Cameron “decretou” a falência do multiculturalismo e o governo francês impôs uma proibição às burcas. Como o senhor vê o debate sobre imigração na

Europa, em particular a oposição entre o modelo integracionista e o multicultural?

Como em todos os navios do século XIX, há no Ibis uma hierarquia rígida. As pessoas na base podem ter tentado rever seus costumes para conviver umas com as outras, mas as regras eram estabelecidas pelos oficiais, que, portanto, não precisavam pôr em questão suas próprias práticas ou crenças. Quanto aos modelos integracionista e multicultural, a experiência da Europa mostra que ambos têm problemas. Na Inglaterra, fundamentalistas foram com frequência apoiados pelo governo em nome do “multiculturalismo”. Imigrantes secularistas foram muitas vezes ignorados por não serem considerados representativos de suas comunidades, o que teve consequências terríveis. Por outro lado, o integracionismo extremo é com frequência mero disfarce para a intolerância e o preconceito. Parece que deve haver concessões de ambos os lados: os imigrantes não podem nem devem esperar viver em ilhas isoladas; mas o país que os recebe não deve exigir que se conformem a alguma noção idealizada de “francesidade”, “dinamarquicidade” ou o que seja. ■



AMITAV GHOSH: tráfico inglês em “Mar de papoulas” (no detalhe)